

COLETÂNEA DRAMATÚRGICA II

Cinco cenas curtas de Marcus Di Bello

Ano: 2012



Qualquer utilização da obra para montagem – com ou sem fins comerciais – entrar em contato com o autor.

Índice

O Teu Auditório Não Me Alegra Mais.....	04
Quando Amanhecer.....	06
Porto da Morte.....	09
Cigarrológico.....	13
Sinto Saudade do Sorriso Que Tu Nunca Me Deste.....	16
Sobre o Autor.....	18

O TEU AUDITÓRIO NÃO ME ALEGRA MAIS

De Marcus Di Bello

(Quarto do casal. Ela penteia os cabelos enquanto ele bebe uma xícara de café. Chove lá fora. É possível ouvir as trovoadas. A televisão está ligada, na altura ideal para se ouvir apenas um zumzumzum)

ELE

O café acabou.

(Tempo. Ele olha fixamente para a xícara. Levanta a cabeça e a encara)

Você fica linda, assim, de perfil.

ELA

Tem mais.

ELE

Onde?

ELA

Ali.

(Aponta para um bule, que está ao lado da cama. Ele caminha devagar e enche a xícara)

Que horas são?

ELE

Cinco.

(Tempo. Ele bebe dois longos goles)

Você ainda tem aquela pinta atrás do pescoço?

ELA

Não.

(Tempo)

As pintas já não são as mesmas. Os cabelos também não. Só o café. O café continua igual.

ELE

(Bebe mais um longo gole)

O café ficou ótimo. Eu adoro o seu café.

(Tempo)

ELA

O que 'tá passando?

ELE

Aquele programa de calouros.

(Ela sorri. Ele termina de beber o café. Deixa a xícara junto ao bule, anda lentamente até ela e a abraça. Ela estremece, vira o rosto, demonstra insatisfação. Ele volta para a cama)

ELA

Eu já fui estrela desse programa. Chamavam-me de Elisabete Cantora. Todo sábado eu me apresentava. O público gostava de mim. Eles gritavam “Elisabete, Elisabete”. Não sei por que me chamavam Elisabete. Faziam fila, queriam encostar em mim. Eu dormia em uma cobertura durante o resto da semana. Tinha uma mulher, chamada Edna, que cozinhava. Eu ficava trancada durante a semana inteira, me buscavam sábado pela manhã e então eu cantava no programa. O auditório aplaudia, o público nas casas assistia. Sabe quantos televisores existem nesse país? Muitos. Todos sabiam o meu nome. Eu era amada.

(Chorando baixo)

ELE

Dizem que é tudo armação.

ELA

E o que é a vida? É ou não é uma armação?

(Tempo)

ELE

Você fica linda contra a luz.

ELA

(Chorando mais)

Me aplaude.

ELE

Não.

ELA

Me aplaude.

(Ele balança a cabeça negativamente, visivelmente abatido)

Eu estou mandando. Me aplaude.

ELE

Não, meu amor.

(Chora)

Não me pede isso.

ELA

(Gritando)

Me aplaude! Me aplaude! Seu desgraçado, me aplaude.

(Ele levanta, não aderindo à ideia. Anda até ela contra a própria vontade)

Me aplaude!

(Ele estapeia a cara dela. No mesmo momento a abraça, chorando. Tempo. Ela chora baixo)

Obrigada. Obrigada.

(É possível ouvir o som da televisão. O casal fica abraçado. A luz cai aos poucos)

QUANDO AMANHECER

De Marcus Di Bello

(Quarto. Cama desarrumada, mesa com alguns pertences e uma cadeira. Ela está sentada na cama. Entediada. Ele está na cadeira, fumando um cigarro. Bate as cinzas num cinzeiro. Silêncio)

ELA

Vou embora, cara.

ELE

Não vai. Eu 'tô te pagando, porra.

ELA

Tu pagou uma foda. Vou voltar lá pra frente agora.

ELE

Não vai.

(Tempo)

Paguei o momento, não a foda. Quero ter esse momento pós-foda.

ELA

Tu já fumou cinco cigarros aí. Se quiser conversar eu até fico, mas se for pra ficar esse silêncio eu prefiro ir lá pra frente arranjar outro cliente.

ELE

Não sou teu cliente, foi a primeira vez que fiz contigo.

ELA

Tu entendeu.

ELE

Relaxa, baby. Não esquenta a moringa. Eu só 'tava pensando aqui.

(Tempo)

Nunca conversa com os caras que trepa?

ELA

Não ganho p'ra isso.

ELE

Se pedir uma bebida eles trazem aqui?

ELA

Não, não fazem esse serviço.

ELE

No puteiro da outra esquina fazem.

ELA

(Silêncio. Ela levanta)

Posso ir embora agora?

ELE

Por que a pressa? É o dinheiro? Eu pago a mais, não tem problema.

ELA

Eu só não quero ficar conversando contigo.

ELE

Eu também não quero, mas é a única opção que você tem p'ro momento. Vou te contar uma coisa, gata. Eu odeio as pessoas. Tenho asco, quero que todos explodam. Mas eu não vivo sem trepar, então de vez em quando preciso socializar. Se eu conseguisse viver somente com a minha bebida, os meus cigarros e as minhas lutas de boxe, então eu não precisaria sair de casa.

ELA

Cara, a tua vida é problema teu.

ELE

Tem razão. Mas os meus problemas fazem com que você esqueça os teus. É assim que funciona, baby. É assim que o mundo gira. Quantas vezes eu não fiquei no bar ouvindo mulheres reclamarem do quão fodida era a vida delas, do quanto se sentiam patetas para a sociedade e como aquele papo depressivo me deixava bem. Gata, aquele papo me fazia muito bem, porque eu esquecia a minha vida fodida para ouvir a vida fodida de outra pessoa. E se eu agora falar do quão fodida é a minha vida você vai se sentir mais leve, vai se sentir renovada. Se eu falar que esmurrei meu pai porque ele era um bosta, se eu falar que morei na rua e que hoje ganho um dinheiro escrevendo algumas besteiras, que dá o suficiente para eu pagar meu uísque, meu teto, meus cigarros e a hora extra que estou te pagando, você com certeza vai se sentir muito melhor.

ELA

Tu escreve?

ELE

Romances.

ELA

E o que você sabe sobre amor?

(Silêncio)

ELE

Eu não sei. Mas quem lê meus contos também não.

ELA

Tu é muito do estranho.

ELE

Gostei de você. Você parece ter sensibilidade. Gosto de pessoas assim, mesmo as odiando. Sabe, eu não sei se tenho essa sensibilidade. Acho que odeio a vida também. Às vezes deito a cabeça no travesseiro e não sei se levei o meu dia da melhor maneira possível. Penso que poderia ter feito algo diferente. Mas a vida não me dá o tesão de fazer esse algo diferente. A gente nasce e espera pela morte. Essa espera cansa, baby.

ELA

Eu também odeio as pessoas.

ELE

Eu sei. Sinto isso em você.

ELA

Me dá um cigarro?

(Ele levanta e leva um cigarro a ela. Acende. Fuma)

Eu não queria estar aqui. Mas ou eu faço isso, ou roubo as pessoas. Eu não quero ser uma marginal, mesmo estando em uma profissão marginalizada. É muito foda trepar com um cara que tu não conhece, correndo todos os riscos possíveis. Tu não faz ideia, cara.

(Silêncio)

Quando eu era mais nova eu escrevia. Escrevia poesias. Eu amava os filmes do Tarantino e escrevia poesias. Eram as duas coisas que eu sabia fazer. Hoje eu não faço nada disso. Eu escolhi deixar isso tudo de lado p'ra entrar nessa vida, mas às vezes acho que não tive muito poder de escolha. Eu não consigo nem escolher o homem que vou trepar, imagina se vou escolher a sequencia da minha vida.

(Tempo)

Eu pareço ser fodida, cara? Porque eu tento não parecer, mas não dá. Só quem já provou os dois lados da moeda sabe como é. Já tive tudo na minha vida. Hoje eu não tenho porra nenhuma. Tu me entende? Hoje eu tenho um corpo que me rende uma grana, mas e quando eu não tiver mais esse corpo? Quando o dia raiar e eu perceber que o tempo passou, já vai ter acontecido. O que vai ser de mim? Me responde cara, o que eu vou fazer da minha vida quando amanhecer?

(Silêncio)

ELE

Gata, os filmes do Tarantino são uma bosta.

(Tempo)

Mas o que eu acho é problema meu.

(Continuam fumando. Luz cai em resistência)

PORTO DA MORTE

De Marcus Di Bello

(Homem e mulher sentados. Luz clara. Cansaço)

HOMEM

Não tem nada que possamos fazer.

MULHER

Nada.

HOMEM

O mar continua agitado.

MULHER

Sempre agitado.

HOMEM

Sei que existia um navio.

MULHER

O navio partiu, mas ninguém viu.

HOMEM

Por quê?

MULHER

O quê?

HOMEM

Por que é que nunca aproveitamos quando o navio está atracado? Digo, ele fica tão próximo e só nos damos conta da importância quando está de partida.

MULHER

Por quê?

HOMEM

O quê?

MULHER

Por que nos conhecemos aquele dia? Não é muita coincidência duas pessoas se encontrarem tão casualmente?

HOMEM

Acho que ninguém acreditaria se contássemos que nos conhecemos assim, na praia, observando os navios passarem.

MULHER

Não mesmo.

(Tempo)

Olha ali.

HOMEM
O quê?

MULHER
Mais um navio de partida.

HOMEM
É de carga.

MULHER
Leva café.

HOMEM
(Admiram o navio. Se despedem. Tempo)
Já visitou a Bolsa do Café?

MULHER
Uma vez...

HOMEM
Nunca entendi essa sua admiração.

MULHER
Por café?

HOMEM
Por navio.

MULHER
Gosto de despedidas.

HOMEM
Olha, mais um.

MULHER
Um transatlântico. Você já parou para pensar que hoje em dia ninguém viaja de navio? As pessoas apenas passam um tempo dentro dele. Se o navio for para o outro lado do mundo, isso pouco importa. O oceano continua sendo o mesmo. As pessoas entram, desfrutam de tudo o que o navio pode proporcionar, e voltam para as suas casas. Entende o que quero dizer? Não é uma viagem. É como se hospedar num hotel e não poder sair dele.

HOMEM
É engraçado pensar assim. Você tem razão. Mas eu prefiro é ficar aqui, na praia, apenas observando. Enquanto o navio se afasta, a impressão que tenho é de que eu que estou me afastando. A viagem é inteiramente minha.

MULHER
Em pensar que aqui já foi chamado de Porto da Morte.

HOMEM
Porto da Morte?

MULHER
Por causa da febre amarela. Foi no século XIX.

HOMEM
Porto da Morte.

MULHER
Despedidas acabam tendo o mesmo peso.

HOMEM
Da morte?

MULHER
É. O sentimento é o mesmo.

HOMEM
Acha que morreremos?

MULHER
Talvez.
(*Tempo*)
Desculpa.

HOMEM
Por quê?

MULHER
Sempre me despeço dos outros. Quando o nosso próprio navio está de partida acabo não percebendo.

HOMEM
Sem problemas.

MULHER
Me desculpa por todos os dias do nosso relacionamento.

HOMEM
Não peça desculpas, por favor.

MULHER
Você precisa me desculpar. Esse é o problema de um relacionamento. Nunca termina bem. Não é como atravessar o oceano, porque tudo bem, um navio pode afundar, mas, na maioria dos casos, sempre chega são e salvo.
(*Tempo*)
Às vezes, acho que seria melhor se não tivéssemos nos conhecido.

HOMEM
Como você sabe que o mar é perigoso?

MULHER
Perigoso?

HOMEM
É. É fundo. Mas como você sabe?

MULHER
É o que dizem.

HOMEM

Você sabe porque falaram para você. Mas você nunca pulou. Você não sabe se ele é perigoso. Então, há momentos em que é preciso escolher. Continuar com a dúvida ou pular.

MULHER

Eu pulei.

HOMEM

Nós pulamos. Juntos.

MULHER

É assim que acaba? É essa a sensação quando o navio está de partida? É isso que os outros sentiam quando eu observava?

HOMEM

O navio não está de partida. Ele continua atracado. O navio só está partido.

MULHER

Um navio partido.

(Tempo)

Boa viagem.

HOMEM

Adeus.

(Blackout)

CIGARROLÓGICO

De Marcus Di Bello

(Em cena, dois escravos tecnológicos. Os olhos piscam numa velocidade acima do permitido. Barulho de trânsito. Pouca luz. Buzinas. Gritaria. Caos. Buzinas. Faz frio. Agem de maneira mecânica.)

SATIR

Aos treze anos teve seu primeiro porre alcoólico, causado por vodka barata com suco de caixinha.

CARRARI

Nunca saiu de casa durante fins de semana, exceto para visitar a avó nos últimos domingos do mês.

SATIR

Treinava beijo com uma pedra de gelo dentro de um copo d'água.

CARRARI

Jogava GTA Vice City com o padrasto enquanto a mãe esquentava a água do café.

SATIR

Primeira transa aos quinze anos, na casa de um amigo do colégio. Não sabia o que fazer. Suou muito.

CARRARI

Primeiro celular: azul. Primeira internet: America Online. Primeiro contato social: Chat UOL.

SATIR

Se masturbava assistindo desenho japonês na televisão.

CARRARI

Uma vez limpou a bunda com uma revista Veja.

SATIR

Primeiro cigarro: marlboro vermelho, fumado às duas e meia da manhã na esquina daquela estação de metrô.

CARRARI

Estações de metrô preferidas: Trianon, Praça da Árvore e Alto do Ipiranga.

SATIR

Foi Alto do Ipiranga.

CARRARI

Milhões de seguidores no twitter, mesmo sendo um fracassado na vida.

SATIR

Começa a se prostituir aos dezoito para pagar marlboro vermelho que está cada vez mais caro.

CARRARI

Moreno, completo, massagem alto nível.

CARRARI

Presidente da república, em entrevista, diz que uma grande nação deve ser medida por aquilo que faz pelas suas crianças e adolescentes, e não pelo PIB.

SATIR

Caga para o PIB.

CARRARI

O custo das doenças relacionadas ao cigarro reduz a riqueza de um país em 3,6% do PIB.

SATIR

Passa a fumar dois maços de cigarro por dia. 3,6% a mais do que fumava anteriormente.

CARRARI

Compra últimos avanços tecnológicos.

SATIR

Seu corpo é um mouse óptico sem fio.

CARRARI

Bebe uísque quando está sozinho.

SATIR

Assiste lutas de UFC.

(Ficam menos mecânicos. O trânsito aumenta. Caos. Barulhos misturados)

CARRARI

Vinde a mim, todos os nico-dependentes-de-uma-figa!

SATIR

Vai, Anderson!

CARRARI

Por que não fuma lá fora?

SATIR

Perda de sinal. Perda de sinal.

CARRARI

Seu bosta, por que não fuma lá fora?

SATIR

Perda de sinal.

CARRARI

Eu sou obrigado a fumar com você?

SATIR

TV a cabo de merda!

CARRARI

Eu vou fumar do teu! Vai, otário. Eu vou fumar do teu.

SATIR

Fuma ele, vai!

CARRARI

Meu corpo é um mouse ópti/

SATIR

Filtro vermelho!

CARRARI

/com essas vidas entrelaça/

SATIR

Não quero azul!

CARRARI

/dá-me um cigarro, pelo amor de/

SATIR

Sinal recuperado!

CARRARI

/dê-me um cigarro, pelo amor de/

SATIR

Deixa disso, companheiro. Pega essa porra.

(Satir e Carrari começam a fumar. Cada um o seu cigarro. Silêncio. Fumam até o fim. Silêncio. Buzina solitária)

E Anderson ganha.

(Eles se desfazem da bituca. Silêncio. Som de internet discada sendo conectada. Continua fazendo frio. Mais uma buzina solitária. Blackout.)

SINTO SAUDADE DO SORRISO QUE TU NUNCA ME DESTES

De Marcus Di Bello

(Ele e ela no final do sexo. Cena deve ser feita de forma simbólica, mítica. Ao terminar, ela acende um cigarro e bebe uísque)

ELA
Você tem medo?

ELE
Do quê?

ELA
De ficar só.

ELE
(Tempo)
Não.

ELA
Eu tenho. Às vezes acho que é por isso que o ser humano procura se relacionar com o outro. Para não ficar sozinho.
(Tempo)

ELE
Pensei em amanhã irmos jantar naquele restaurante que nos conhecemos.

ELA
Que dia é amanhã?

ELE
Sábado.

ELA
Não posso, vou trabalhar.
(Tempo)
Você sente a minha falta?

ELE
Sinto. E sinto que um dia irei te perder.

ELA
Não vai.
(Tempo)
Queria fugir dessa cidade. Pegar o carro e andar por aí, sem rumo. Dormir em motéis de beira de estrada e sair no outro dia sem pagar.
(Tempo)

Entende o que quero dizer?

(Bebe em um gole só o resto do uísque)

Queria mentir a minha idade, dizer que tenho cinco anos a menos do que realmente tenho, e observar a reação das pessoas. Queria esquecer tudo o que um dia me fez mal. Queria respirar sem que nada me impedisse. Queria sorrir para o mundo.

ELE

Sorri pra mim.

ELA

Não.

ELE

A vida só é difícil porque nós mesmos a pintamos assim.

(Tempo)

Eu sonhei que você sorria pra mim. Sinto saudade.

ELA

Um dia eu vou sorrir. Hoje não, mas um dia.

ELE

Eu sinto saudade do que nunca vi. E tenho medo de perder o que eu nunca tive.

ELA

Eu vou embora.

(Se vestindo)

ELE

Você é a mulher mais bonita que eu já conheci. Não se preocupa, você nunca vai ficar sozinha. A solidão sempre pode ser vencida. O problema é o que você faz para vencê-la.

(Tempo)

Quanto deu?

ELA

Duzentos e cinquenta.

ELE

(Abre a carteira e conta o dinheiro)

Se for fugir da cidade, me liga.

ELA

(Pegando o dinheiro)

Pra se despedir?

ELE

Não. Pra eu te ver sorrir.

(Luz em fade-out)

SOBRE O AUTOR

Marcus Di Bello, ator, diretor, dramaturgo, poeta e ser humano. Começa a escrever em 2008, quando se dividia entre poemas e contos. Como dramaturgo ganhou diversos prêmios em festivais da baixada santista. Escreve para o projeto “Drama Coletivo”, com os dramaturgos Kadu Veríssimo, Ronaldo Fernandes, Betinho Neto, Júnior Texaco e Regina Célia. Os cinco textos dessa coletânea fazem parte do projeto.

Enquanto a Coletânea Dramatúrgica de 2011 trazia textos de comédia, essa edição de 2012 traz textos baseados em temas como solidão, prostituição, vícios e frustrações.

E-mail para contato: marcus_dibello@hotmail.com